



Reflexões sobre a modernidade e o mundo contemporâneo

Anderson Pires da Silva*

As manifestações nas ruas em 2013 reativaram o debate sobre as formas legítimas e ilegítimas de ação política coletiva na sociedade do século XXI. Como essa prática estava adormecida – ou totalmente desacreditada – desde o movimento Cara-Pintada, grande parte de nossos (de)formadores de opinião ficaram tão perdidos quanto os marcadores do Garricha. “Literatura e política” é um livro que nos orienta nesse mar revolto, como ressalta Terezinha Maria Scher Pereira, a “literatura sempre se caracterizou por olhar a vida pelo viés da política”, pois “é crítica e propõe também novos mundos possíveis, idealizados, relacionados ao mundo das pessoas”.

A partir de diferentes perspectivas teóricas, “Literatura e política” discute como a tensão entre a ficção e o político, desde a alvorada da modernidade, transformou a criação literária em um meio de resistência às formas de dessensibilização da sociedade. Organizado por Terezinha Maria Scher Pereira e Rogério de Souza Sérgio Ferreira, o livro reúne 18 artigos de pesquisadores de universidades importantes do país (Pontifícia Universidade Católica-PUC-Rio; Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ; Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; Universidade Federal do Espírito Santo- Ufes; e Universidade de São Paulo-USP), além de uma

entrevista com o escritor Allan da Rosa, resultado do Simpósio Literatura, Crítica e Cultura, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Um dos temas recorrentes nos artigos é o fenômeno das narrativas marginais produzidas nas periferias de São Paulo. Segundo Gilvan Procópio Ribeiro, o surgimento de uma geração de escritores de periferia representa um momento político significativo, porque “pela primeira vez, na história da literatura e da cultura brasileiras, o povo fala em seu próprio nome”. Nesse sentido, acompanhamos uma mudança semântica no adjetivo “marginal”, que foi usado pela primeira vez para designar a produção de alguns poetas dos anos 1970 (Paulo Leminski, Ana Cristina César, Wally Salomão, Chacal, entre outros), a chamada “Poesia marginal”, cujo estilo agressivo de linguagem (e o estilo de vida desbundado) foi uma forma de resistência à censura da ditadura militar. Uma das imagens icônicas desse período foi a fotomontagem “Seja marginal, seja herói”, de Hélio Oiticica, que está reproduzida na capa de “Literatura e política”.

Além desse tema, outros artigos discutem a relação entre política e subjetividade, crise social e diásporas, compondo uma ampla perspectiva dos problemas pertinentes ao universo crítico dos estudos literários.

* Doutor em Letras pela PUC-Rio; professor adjunto da Faculdade de Letras da UFJF; autor dos livros “Trovadores Elétricos” e “Mário e Oswald: uma história privada do Modernismo”